



O FRACASSO ESCOLAR SOB O OLHAR DOCENTE: ALGUNS APONTAMENTOS

Rodrigo José Madalóz - URI¹

Ionara Soveral Scalabrin - UPF²

Maira Jappe - UPF³

Resumo: O estudo teve por objetivo compreender o que pensam professores de uma escola da rede pública estadual da cidade de Palmeira das Missões, Rio Grande do Sul, quando questionados acerca do que entendem por/sobre fracasso escolar, como ele acontece, porque acontece e como pode ser superado. Trata-se de uma pesquisa etnográfica, de cunho qualitativo. Utilizou-se um questionário com perguntas abertas a sete professores das diversas áreas do conhecimento, da educação infantil aos anos finais do ensino fundamental. O artigo está dividido em dois momentos distintos: primeiramente abordou-se a questão do fracasso escolar a partir de uma revisão bibliográfica segundo a concepção de autores como Torres, Marchesi e Pérez, Souza, Sampaio, Charlot, André e Paro, promovendo um diálogo com os mesmos e, no segundo momento, transitou-se sobre as compreensões que os docentes têm sobre o fracasso escolar, dialogando com autores como Rovira, Marquesi e Pérez, constituindo assim, a triangulação entre as ideias e concepções. Propõe-se ao abordar a temática, a necessidade de ampliar o campo de discussão, agregando e fomentando a participação dos diferentes segmentos da escola, da comunidade escolar e do meio acadêmico no sentido de buscar caminhos transitáveis para o polêmico tema: fracasso escolar.

Palavras Chave: Fracasso Escolar. Docência. Educação.

Considerações iniciais

O presente artigo originou-se de inquietações oriundas da leitura do texto “Formação de professores: a pesquisa e a política educacional” de Bernard Charlot⁴. A partir do exposto por Charlot (2005) em relação ao fracasso escolar, algumas indagações foram tomando corpo, em virtude de uma aproximação com a realidade escolar e com o intuito de promover o diálogo entre autores acerca da temática, procurando elementos que corroborem e justifiquem a questão do fracasso escolar e como este tem sido tratado, discutido e enfrentado pela/na escola.

¹Mestre em Educação - UPF – Docente da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões – URI – Campus Santo Ângelo no curso de Educação Física: licenciatura e bacharelado.

²Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade de Passo Fundo, Bolsista Capes-Linha de pesquisa: Políticas Educacionais.

³Mestranda em Educação pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade de Passo Fundo.

⁴ Palestra proferida pelo mesmo, na Escola de Aplicação da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, em 28 de março de 2001, sob a coordenação da professora Selma Garrido Pimenta.

O fracasso escolar é um tema relevante e polêmico que requer atenção no espaço escolar. Ele tem sido foco de constantes discussões por estar intimamente atrelado a questões como: reprovação, evasão, indisciplina, erro, fracasso e insucesso escolar. Pretende-se despertar um olhar sensível sobre o tema em foco, (des) construindo conceitos acumulados culturalmente, rompendo com alguns tabus marcantes no imaginário da instituição – a Escola. Buscando saber o que professores pensam a respeito do fracasso escolar, foi entregue à educadores da Educação Infantil, Anos Iniciais e Finais do Ensino Fundamental da Escola Estadual de Ensino Fundamental Cacique Neenguiru, da cidade de Palmeira das Missões, Rio Grande do Sul, um questionário com perguntas abertas. Questionaram-se os educadores acerca do que entendem por fracasso escolar, porque ele acontece e como pode ser superado.

O texto está estruturado em dois momentos: no primeiro buscam-se referências acerca de algumas definições teóricas a respeito do fracasso escolar, ou seja, como alguns teóricos abordam a questão a partir de suas investigações e produções. No segundo momento, articularam-se as falas dos entrevistados com a revisão bibliográfica e por fim tecem-se algumas considerações finais, impressões e direcionamentos.

1 Buscando compreensões e significados para o fracasso escolar

Experiências de sucesso e fracasso são comuns à todos os seres humanos, independente da cor, raça, credo, gênero, etc. A palavra fracasso ganha um viés conotativo e soa como algo desagradável. Ao juntar-se ao termo “escolar” sua sonoridade nos desloca para uma realidade a qual conhecemos, particularmente, muito bem, por estarmos mergulhados neste contexto: a escola. A grande parte dos educandos percorre um longo caminho: 200 dias letivos e 800 horas em cada série/ano a fim de garantir o sucesso em todas as disciplinas do currículo escolar e garantir a aprovação. Nem sempre esse sucesso é alcançado. Algumas vezes são interrompidos no meio do caminho.

Se recorrermos a nossa memória, certamente nos lembraremos de muitas experiências de fracasso, inclusive aquelas vividas no seio da escola e que para muitos são as que deixaram marcas um tanto mais profundas. Ao procurarmos nos dicionários de língua portuguesa uma definição para o termo fracasso, encontramos alguns sinônimos, tais como: falta de êxito; insucesso; derrota. Na mesma ótica que chegamos ao sucesso, podemos fracassar ou ter insucesso e provarmos a derrota. As incursões e escolhas feitas durante o processo interferem (in) diretamente para tal. A escola propõe-se a produzir o sucesso através do ensino e

aprendizagem, todavia, o que se evidencia nas últimas décadas é um declínio do seu papel “formador” em meio a uma crise política e existencial que produz o fracasso.

O termo fracasso escolar parece resumir toda a insatisfação e insucesso decorrente de posturas docentes e discentes vivenciadas no dia a dia da sala de aula. Pensar o fracasso escolar é pensar, também, em reprovação, que segundo Torres (2004, p 34), é “a ‘solução’ interna que o sistema escolar encontra para lidar com o problema da não aprendizagem ou da má qualidade de tal aprendizagem”, não deixando de lado a retenção, recuperação, enfim, tantos outros sinônimos que são empregados para caracterizar a palavra fracasso. Mas este ganha mais intensidade quando é empregado para qualificar a “incapacidade” que um sujeito tem para aprender ou assimilar algo.

É conveniente destacar, segundo Carvalho, que o fracasso escolar está intimamente ligado ao erro, ou seja:

Quando associamos erro e fracasso, como se fossem causa e consequência, por vezes nem se quer percebemos que, enquanto um termo – o erro – é um *dado*, algo objetivamente detectável, por vezes, até indiscutível, o outro - o *fracasso* – é fruto de uma interpretação desse dado, uma forma de o encararmos e não a consequência necessária do erro[...] a primeira coisa que devemos examinar é a própria noção de que erro é inequivocadamente um indício de fracasso. A segunda questão intrigante é que, curiosamente, o fracasso é sempre o fracasso do aluno (1997, p. 12).

Na concepção do autor, identificar um erro nem sempre justificaria o fracasso ou o insucesso, seja na aprendizagem, seja no ensino ou por incompetência do aluno. O erro pode sugerir diferentes interpretações. Para o autor, nem sempre o fracasso recai no erro.

Para Marchesi e Pérez (2004, p 17), na obra “*Fracasso Escolar: uma perspectiva multicultural*” estabelecem três ideias que, segundo eles, norteiam questões sobre o fracasso escolar. A primeira delas diz que o mesmo é atribuído ao aluno “fracassado”, aquele que não progrediu praticamente nada durante seus anos escolares, nem no âmbito de seus conhecimentos, nem do seu desenvolvimento pessoal e social. Uma segunda ideia diz que o problema central reside no fato de que o termo qualifica uma imagem negativa do aluno, afetando sua autoestima e sua confiança. Por fim, uma terceira ideia centra no aluno o problema do fracasso e distancia a responsabilidade de outros agentes e instituições, como as condições sociais, a família, o sistema educacional ou a própria escola.

Outro enfoque dado ao tema, segundo Souza (1999), refere-se ao fracasso escolar afirmando que o fato de como a escola organiza os conhecimentos, valores, padrões de

comportamento e de linguagens, explicaria certa assintonia entre o que a escola pretende ensinar e a camada a qual o aluno pertence. Em suma, a autora revela que o problema do fracasso escolar está no distanciamento que há entre a realidade do aluno e os conhecimentos escolares propriamente ditos, não trazendo sentido ou significado ao educando, ele não vê nenhuma perspectiva de utilizar aquele(s) conteúdo(s) em sua vida prática, o educando sente-se deslocado e ao mesmo tempo não encontra razão para se dar bem nos estudos, auxiliando assim, na produção do fracasso.

Nessa mesma perspectiva, Sampaio corrobora afirmando que:

... na medida que o aluno tem dificuldades, não aprende e é reprovado por falta de conteúdos e a falta de conteúdos amplia-se à medida que os alunos ficam reprovados. O fracasso, portanto, não se explica apenas pela reprovação, nem pela perda de um ou mais anos, repetindo séries; outra perda relevante acontece pelo distanciamento cada vez maior estabelecido entre os alunos e o conhecimento que a escola pretende transmitir (2004, p.89).

Para Sampaio (2004), estamos diante de um problema que por sua natureza acaba desencadeando outros, mais adiante, iniciando pela abordagem que a própria escola dá, também, na elaboração de seu currículo e na escolha dos conteúdos que irá contemplar. O aluno apresenta um déficit para aprender, não acompanha o ritmo da turma, perde os conteúdos, reprova uma, duas, três vezes. O fracasso, assim entendendo, não deixa de ser uma construção, ou, melhor dizendo, uma produção em meio a muitas perdas. O aluno reprova, repete, reprova, repete e entre essas reprovações e repetições de anos ou séries fica a mercê de um sistema que o rotula como incapaz, com problemas para aprender, tornando-o fracassado.

Para Charlot (2005), o fracasso escolar não existe. Segundo ele, falar em fracasso escolar, hoje em dia, é tratá-lo como se existisse um monstro escondido no fundo da sala de aula, pronto para pular sobre as crianças das famílias populares. Nas palavras de Charlot, o que existe são alunos que apresentam dificuldades para aprender, são situações de dificuldade. Poderíamos adentrar aqui no campo epistemológico da aprendizagem para elucidarmos o que são dificuldades e de onde provem, seria um instante bastante produtivo, mas não é intenção fazer este debate no momento.

De maneira mais sucinta, Charlot (2005) aborda a questão do fracasso escolar como o grande vilão que assombra a escola, e é provocativo à medida que se refere às classes populares como seu alvo. Em outras palavras, o autor aquece o debate em torno de o fracasso escolar estar mais centrado ou emergir das classes menos favorecidas, em função do nível

socioeconômico em que vivem, pelas condições de moradia, saúde, alimentação, enfim, pela falta de estrutura que os desassiste.

Em contrapartida é importante destacar as ideias de André (1999), que na obra *“Pedagogia das diferenças na sala de aula”*, descreve algumas possíveis explicações para a compreensão das desigualdades no desempenho escolar, onde, fatores como o nível socioeconômico não justificam o insucesso escolar, e afirma que, o modo de vida de uma família, seus valores, suas crenças e opções têm mais peso sobre o desempenho escolar do que simplesmente o seu nível socioeconômico.

A mesma autora suscita a possibilidade tanto do bom ou mau desempenho escolar estar atrelado a questões biológicas do indivíduo, ao seu patrimônio genético, a ideologia do dom, que segundo ela, ainda está muito presente, no meio escolar, embora estudos tenham apontado que o ambiente e o meio cultural exercem um papel no desempenho do aluno. Nessa perspectiva, o fracasso escolar não estaria sendo gerado no interior da própria instituição, a partir do modo como tem organizado o trabalho pedagógico e estruturado as relações e práticas pedagógicas?

A resposta ao questionamento nos levaria a escrever outro artigo, porém nossa intenção foi trazer até agora, indicadores que nos permitissem discutir alguns significados e compreensões atribuídos por esses autores a temática apresentada. Dialogando com eles, permite-se exercitar a reflexão acerca do que fora levantado até então. Os autores não são unânimes quando tratam a questão do fracasso escolar como sendo um problema único e exclusivo da escola, nem tão pouco do aluno e muito menos da família. Percebe-se que alguns adentram a escola e procuram entender o fracasso escolar a partir de um olhar conteudista, como sendo este o limiar entre o fracasso e o sucesso. Por outro lado, encontramos os que afirmam ser o fracasso escolar mera dificuldade do aluno em assimilar o conhecimento, e por fim, aqueles que acreditam ser a forma como a escola trata as diferenças, o motivo do insucesso escolar. Estendendo o campo de reflexão poderia se considerar a questão do fracasso escolar como uma imensa bola de neve que vai ganhando peso e volume à medida que se configura o processo ensino-aprendizagem. Da mesma forma o sujeito estaria a priori “desenhando” seu fracasso como aluno, ao mesmo tempo em que o ambiente social, a escola, os fatores biológicos e culturais, ajudariam e / ou reforçariam o processo, interferindo positiva ou negativamente.

Outro aspecto pertinente a ser destacado aqui, é que historicamente, a escola tem classificado os alunos em bons ou maus alunos a partir do desempenho escolar destes, através

de instrumentos que tentam quantificar e qualificar o seu “rendimento”. A compreensão do que se entende por fracasso escolar muitas vezes é reduzida a ideia de avaliação. Nesse sentido, o aluno fracassa quando é incapaz de reproduzir o que “aprendeu” ou “construiu” ao longo do processo. Para isso, professores utilizam-se ainda de testes, provas e exames, seguindo moldes tradicionais que imprimem no sujeito o status de bom ou mau aluno, classificando-o, valorando-o e emitindo juízos de valor sobre sua (in) capacidade. Por isso, Vitor Henrique Paro, chama a atenção dizendo que

...a razão de ser da avaliação educativa não é classificação ou a retenção de alunos, mas a identificação do estágio de compreensão e assimilação do saber pelo educando, junto com as dificuldades que este encontra, bem como os fatores que determinam tais dificuldades, com vistas à adoção de medidas corretivas da ação (2003, p.39-40).

Segundo o próprio autor, a escola pública brasileira continua a reforçar e a reproduzir posturas em relação à maneira como avalia, com o propósito de corrigir rumos da escola, separando os que podem e os que não podem continuar na próxima série/ano. Para ele:

[...] os que são reprovados devem repetir o mesmo processo no ano seguinte, em geral com o mesmo professor (ou professores) e com a utilização dos mesmos recursos e métodos do ano anterior. Para os reprovados, o absurdo da situação não é apenas que se espera todo um ano para se verificar que o processo não deu certo (o que já não é de pouca gravidade); o absurdo consiste também em que nada se faz para identificar e corrigir o que andou errado. Não se trata propriamente de uma avaliação, mas de uma condenação do aluno, como se só ele fosse culpado pelo fracasso. Como se o processo não fizesse parte do aluno, o professor (ou professores) e todas as condições em que se dá o ensino na escola (PARO, 2003, p. 41-42).

As questões que envolvem a avaliação, também são aspectos cruciais quando tratamos de fracasso escolar, afinal, a nota parece referendar o coeficiente intelectual do que fora aprendido, ou não, durante o processo e o aluno parece ser o alvo de um sistema que insiste em promover o fracasso, o rechaço do sujeito, minimizando-o a mediocridade.

2 Como a docência compreende o fracasso escolar?

A intenção dos questionamentos e referências anteriormente citadas foi discorrer em linhas gerais algumas provocações em torno de como a questão do fracasso escolar é discutida e analisada a partir dos teóricos citados. A fim de levantar alguns dados e confrontá-los entre si e com a base teórica, passaremos a descrever algumas das compreensões dos docentes sobre o fracasso escolar. Com o intuito de preservar a identidade dos entrevistados, os nomes dos mesmos foram trocados por letras, considerando a questão ética e profissional dos mesmos e deste estudo.

Quando questionados sobre o que entendem por fracasso escolar, alguns professores compreendem-no como: “o desinteresse do aluno em aprender. O professor com entusiasmo querendo ensinar e o aluno não demonstra interesse em aprender” (Professor A). “Quando o aluno está desmotivado; falta de interesse, algum problema que afeta a aprendizagem” (Professora B). “Entendo que é o resultado do baixo rendimento escolar provocado por muitos fatores” (Professora C). “É quando não ocorre a aprendizagem do aluno. A escola não consegue desempenhar sua função” (Professora D). Outra professora expõe que entende por fracasso escolar “a desmotivação de professores (descontentamento), a evasão escolar e o grande número de reprovações” (Professora E). No entendimento de outra educadora, “quando não são atingidas metas e propostas, tanto pelo educando como pelo educador” é o que evidencia o fracasso escolar (Professora F). “Em minha opinião, o fracasso escolar é quando o aluno não consegue acompanhar as aulas e seu desempenho não é o suficiente para progredir diante dos objetivos propostos. O próprio aluno sente-se incapaz, deixando-o desanimado a aprender” (Professora G). Segundo outra professora o fracasso escolar pode ser elencado a partir dos seguintes aspectos: “a solidão dos professores no processo ensino aprendizagem; a colocação dos professores em segundo plano; as escolas são mais destacadas do que seus profissionais, estes aparecem como um recurso despreparado, um apêndice; as instituições, os métodos, os conteúdos, os rituais e as normas passaram a ser o centro da educação, roubando a centralidade dos sujeitos envolvidos com a educação e por fim, a hierarquia dentro das escolas” (Professora F)

Observou-se nas falas dos professores que suas compreensões a respeito do fracasso escolar assumem uma multiplicidade de olhares que se evidenciam nas suas práticas pedagógicas em sala de aula e no dia a dia da escola. Um dado interessante é que os professores tomam parte por este fracasso, por sua desmotivação, despreparo, uma vez que a instituição centraliza questões como conteúdos e métodos como o fator principal do processo. A solidão na qual o professor vive hoje é a falta de apoio e de condições dignas de trabalho –

sem falar nos aspectos de remuneração – a solidão do acompanhamento pedagógico e do distanciamento da família. Sobre os apontamentos feitos pelos professores, José Maria Puig Rovira entende que:

Há fracasso na escola quando o rendimento é baixo, quando a adaptação social é deficiente e, também, quando se destrói a autoestima dos alunos. Deve-se aprender na escola conhecimentos e deve-se aprender a viver de acordo com um mínimo de normas compartilhadas, mas a escola também deve inculcar em seus alunos confiança neles mesmos, deve lhes dar um vivo sentimento de valor, de capacidade, de força, de certeza que podem conseguir muitas das coisas a que se propõem. A escola não deve criar indivíduos apáticos, desanimados ou desmoralizados [...] Não há pior fracasso escolar que produzir alunos com tão baixa autoestima (2004, p.83).

O trabalho docente procura, também, investir na compreensão do que realmente é interessante para o aluno, nas distintas formas de organização e gestão da sala de aula, nas estratégias para que os alunos participem no processo ensino aprendizagem e na avaliação do seu rendimento Marchesi e Pérez (2004). Concomitante a isto, é importante ressaltar o que se comentou anteriormente: as condições de trabalho devem ofertar turmas pequenas; tempo disponível para um trabalho efetivo e com acompanhamento dos alunos; disposição de professores para que atendam áreas e alunos individualmente.

Outro questionamento feito aos professores indagava-os sobre porque o fracasso escolar acontece. Ao que alguns dos professores responderam: “por falta de atenção e acompanhamento de parte dos pais junto à trajetória escolar do filho” (Professor A). “Acontece devido à falta de estímulo, diversificação de metodologias, organização de um planejamento comprometido com as necessidades do aluno”. (Professora C). “Não existe um único responsável, mas vários fatores, iniciando pela própria família, suas condições socioeconômicas não oferecem espaços de aprendizagem; falta “compromisso” com a escola; não ocorre nas escolas a formação continuada dos professores, muitas vezes sobrecarregados, desestimulados, despreparados, não conseguindo tornar os conteúdos significativos para o aluno; falta apoio dos governantes que não priorizam a educação” (Professora D). “Pelo descaso dos “governantes”, que priorizam muito pouco a educação; pelo descomprometimento familiar, pensando que ensinar/aprender é somente papel da escola; pela formação precária dos profissionais da educação, oferecida pelas Universidades, estas preocupadas somente com teorias, com o academicismo e não investigando ou praticando os processos de aquisição do conhecimento” (Professora F).

Sobre esse aspecto, os professores levantam questões pertinentes ao debate, afinal, suas hipóteses também são referendadas por autores que investigam a temática do fracasso escolar. Aos pais, sua intervenção no processo educativo deveria se dar como fator preponderante. Por outro lado, sabe-se que inclinados por uma sociedade complexa, correndo a todo instante em busca de melhores condições de vida, eles – os pais - parecem não ter tempo para as atividades escolares de seus filhos. Em contrapartida, a realidade nos mostra que as classes menos favorecidas são as que enfrentam maiores dificuldades para lidar com a escola, não tanto pelas condições econômicas, mas por questões culturais e sociais. Marchesi e Pérez (2004) afirmam que o baixo nível cultural e educacional dos pais limita inicialmente suas possibilidades para a ação educativa, retraindo-os a participar na escola. Segundo eles, elevar o nível educacional das famílias, com oferta e acesso a programas formativos e profissionais, é requisito para que os pais possam acompanhar melhor as atividades escolares de seus filhos.

Em relação ao aspecto docente, de organização do trabalho pedagógico e formação continuada, o planejamento e a organização do trabalho do professor são condição essencial para o sucesso do processo ensino-aprendizagem. Ter claro quais são os conteúdos, traçar objetivos exequíveis, procedimentos metodológicos que vão ao encontro da compreensão do aluno, utilizar-se de instrumentos adequados e principalmente, avaliar numa perspectiva emancipatória. Para Marchesi e Pérez,

[...] é preciso que os alunos com maior risco de fracasso escolar tenham “experiência de êxito escolar” [...] a história escolar dos alunos que não terminam a educação obrigatória ou a abandonam prematuramente está cheia de experiências frustrantes, de falta de confiança, de experiências negativas, de baixa autoestima, de sensação de impossibilidade, de antecipação do próprio fracasso. É preciso romper essa dinâmica e propiciar que o aluno tenha experiências positivas que melhorem sua autoestima e que o revigorem para manter o esforço em tarefas posteriores. Para isso, é necessário que o professor ajuste a tarefa às possibilidades de cada um e mantenha expectativas positivas para a aprendizagem de todos os seus alunos (2004, p. 32).

Os autores apostam que o despertar do interesse do aluno para a aprendizagem se dá na participação ativa na vida escolar, no estabelecimento de vínculos como forma de reduzir o fracasso escolar. Com a reprovação os alunos acabam perdendo a motivação no aprendizado e buscam fora da escola alternativas que o deslocam do foco da aprendizagem. A ameaça de reprovação é uma motivação negativa que, quando muito, leva o aluno a “livrar-se” da obrigação de estudar (Paro 2001).

Os professores entrevistados também fazem apontamentos e sugestões de como minimizar ou reduzir o fracasso escolar. Segundo eles, esse pode ser superado “com um melhor entrosamento família-escola. A família vivendo a realidade escolar” (Professor A). “Com um referencial teórico, planejamento adequado e execução com dedicação, atendendo as necessidades individuais e o ritmo de aprendizagem e uma boa dose de comprometimento profissional, gostar do que faz” (Professora C). Outra professora nos diz que será superado “quando houver um trabalho coeso, responsável entre família, escola e governo” (Professora D). “Através de campanhas de incentivo, tanto para professores quanto para alunos e de melhores condições econômicas para a escola” (Professora E). Para outra educadora, o fracasso escolar será superado “se a prática pedagógica for repensada e o professor se mostrar mais comprometido com sua influência exercida no educando”. (Professor F). “Primeiramente pelo próprio aluno, demonstrando interesse, vontade e ânimo em aprender, para isso ele precisa ser motivado para a aprendizagem, é necessário que a escola busque meios para envolver o aluno, diagnosticando seus interesses e meios de como ele poderá aprender” (Professora G). E finalizando, a (Professora F) nos diz que “em primeiro lugar o país deve investir na educação, resgatando o seu verdadeiro papel. A sociedade como um todo valorizar a educação e os seus profissionais, os pais assumirem seu verdadeiro papel, oferecendo compromisso, responsabilidade e respeito a seus filhos, os professores sendo valorizados e respeitados pela sociedade e ao mesmo tempo exercendo o seu verdadeiro papel de formadores, não sendo ameaçados quando tiverem que tomar atitudes de limites com seus alunos, cobrando responsabilidades”.

Segundo Paro (2001), a progressão continuada seria um dos meios que não só garantiria a passagem, sem reprovação, mas também, utilizaria meios para organizar o ensino e o aprendizado de modo a evitar rupturas. E acrescenta:

Se na passagem de um ano para outro [...] fica abolida a retenção do aluno, na suposição de que possíveis “atrasos” ou “defasagens” do aluno com relação a algum padrão desejável de aprendizado possam ser “compensados” nos períodos seguintes, esse mesmo processo mais flexível, baseado na constante revisão e autocorreção do processo educativo, vai permitir que os alunos, em sua grande maioria, completem cada ciclo em condições de passar para o seguinte, sem necessidade de retenção[...] (p. 50).

Para o autor, a retenção do aluno não é encarada como um critério positivo ao processo ensino-aprendizagem, por entender que os possíveis “atrasos” ou “defasagens” do aluno possam ser supridos ao longo do ano letivo. Esse não seria um empecilho para a reprovação.

Resgatando as falas dos professores, estes apontam a necessidade do trabalho conjunto entre Escola & Família, uma relação recíproca de responsabilidade pela aprendizagem do aluno, pelo seu sucesso enquanto educando. Mas também, sabe-se da importância que tem o incentivo por parte dos governantes, o desenvolvimento de programas educacionais e políticas públicas de acesso e permanência na escola, com qualidade, a garantia de um salário digno aos profissionais da educação que se esfacelam em jornadas de trabalhos de 60 horas semanais a fim de garantir o mínimo de dignidade para viver. A escola necessita movimentar seus órgãos internos e que auxiliam na política de manutenção desta, como os Conselhos Escolares, os Círculos de Pais e Mestres ou qualquer outra organização que promova ações que revertam no bem estar do docente e do discente.

Considerações Finais

Paulo Freire em sua consagrada obra *“Pedagogia da Autonomia”* nos diz que “não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos, apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro” (1996, p.25). E complementa: “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”.

A segunda parte de nossa pesquisa revela que os professores tem ciência de que o fracasso escolar ocorre pela junção de diversos fatores, sendo eles de cunho pedagógico e sociocultural. No entanto, há a preocupação desses educadores quando descrevem que o distanciamento da família e a falta de incentivo por parte dela gera no aluno a desmotivação. Na escola, questões como a metodologia empregada pelo docente, os recursos e planejamento das ações tornam-se fatores essenciais para o sucesso e insucesso, afinal, na maioria das vezes o professor apresenta resistência em agregar novas metodologias, tecnologias e formas de avaliação a sua prática, reproduzindo conceitos, procedimentos e formas de aferir a quantidade de conhecimentos adquiridos, caracterizadas como ultrapassadas, desestimulando a aprendizagem.

A tarefa do docente vai além de simplesmente produzir ou reproduzir saberes. Ele necessita estar convicto de que sua atividade é especial, é política, é formadora. O professor que compreende seu papel na sociedade ultrapassa a esfera do conhecimento e tem ciência do tipo de aluno que quer formar para qual sociedade o está formando, e para que tipo de mundo desenvolve a ação docente. Assim, firma consigo mesmo a responsabilidade pela construção do novo cidadão e pela tão sonhada transformação que a educação pode oferecer a este ser.

Poder-se-ia ter abordado nesse artigo não somente o lado obscuro e nebuloso do fracasso escolar e sim, conceitos e experiências de sucesso escolar, que certamente existem, mas sentimo-nos desafiados a tecer considerações sobre esse tema que desperta preocupação, é tarefa que requer responsabilidade e cuidado. Portanto, acredita-se não ter apresentado nenhuma receita pronta a fim de encontrar as raízes do problema, nem ter apresentado soluções, mas abrir o debate acerca do exposto e a partir de então – porque não – planejar ações que realmente tragam benefícios e resultados as práticas de sala de aula e nas relações do espaço escolar, minimizando, também, conflitos e tensões que possam vir a surgir – e que certamente ocorrem – entre escola, família e sociedade.

É importante nesse momento que todos tomem parte dos problemas relacionados ao fracasso escolar, mas principalmente que sejam desenvolvidas por parte das autoridades, ações no sentido de conceder uma melhor distribuição dos recursos para a educação e para as escolas, incentivando, também, o aluno, o professor e a família.

Referências

ANDRÉ, Marli (org.). *Pedagogia das diferenças na sala de aula*. Campinas: Papirus, 1999.

CARVALHO, José Sérgio Fonseca de. As noções de erro e fracasso no contexto escolar: algumas considerações preliminares. In: AQUINO, Julio Groppa. *Erro e fracasso na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1997, p 11-24.

CHARLOT, Bernard. Formação de Professores: a pesquisa e a política educacional. In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (orgs.). *Professor Reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito*. São Paulo: Cortez, 2005, p 89-108.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

MARCHESI, Álvaro; PÉREZ, Eva María. A Compreensão do Fracasso Escolar. In: MARCHESI, Álvaro; GIL, Carlos Hernández & Colaboradores. *Fracasso Escolar: uma perspectiva multicultural*. Porto Alegre: Artmed, 2004, p 17-33.

PARO Vitor Henrique. *Reprovação Escolar: renúncia à educação*. São Paulo: Xamã, 2001.

ROVIRA, José Maria Puig. Educação em Valores e Fracasso Escolar. In: MARCHESI, Álvaro; GIL, Carlos Hernández & Colaboradores. *Fracasso Escolar: uma perspectiva multicultural*. Porto Alegre: Artmed, 2004, p 82-90.

SAMPAIO, Maria das Mercês Ferreira. *Um gosto amargo de Escola: relações entre currículo, ensino e fracasso escolar*. São Paulo: Iglu, 2004.

SOUZA, Denise Trento de. Entendendo um pouco mais sobre sucesso (e fracasso) escolar: ou sobre os acordos de trabalho entre professores e alunos. In: AQUINO, Julio Groppa (org.). *Autoridade e Autonomia na escola: alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1999, p 115-129.

TORRES, Rosa María. Repetência Escolar: falha do aluno ou falha do sistema. In: MARCHESI, Álvaro; GIL, Carlos Hernández & Colaboradores. *Fracasso Escolar: uma perspectiva multicultural*. Porto Alegre: Artmed, 2004, p 34-42.